

Gaiato

6 DE MARÇO DE 1971

ANO XXVIII — N.º 704 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Dia de anos

5 de Março de 1971 — 27 anos que se cumprem. Não haverá banquete nem discursos nem nada. Apenas: a roupagem melhor que nos é possível assinalará o aniversário.

O GAIATO é um candelabro. Serve para colocar a luz. Deve apagar-se para que a luz brilhe. E todos os seus números saiem cheios de luz! Tanto o é a necessidade gritante de um irmão que nos chama da parte de Deus a uma realização concreta do amor que a todos devemos; como a resposta «eis-me, Senhor, porque me chamaste», com que outros se apresentam ao chamamento.

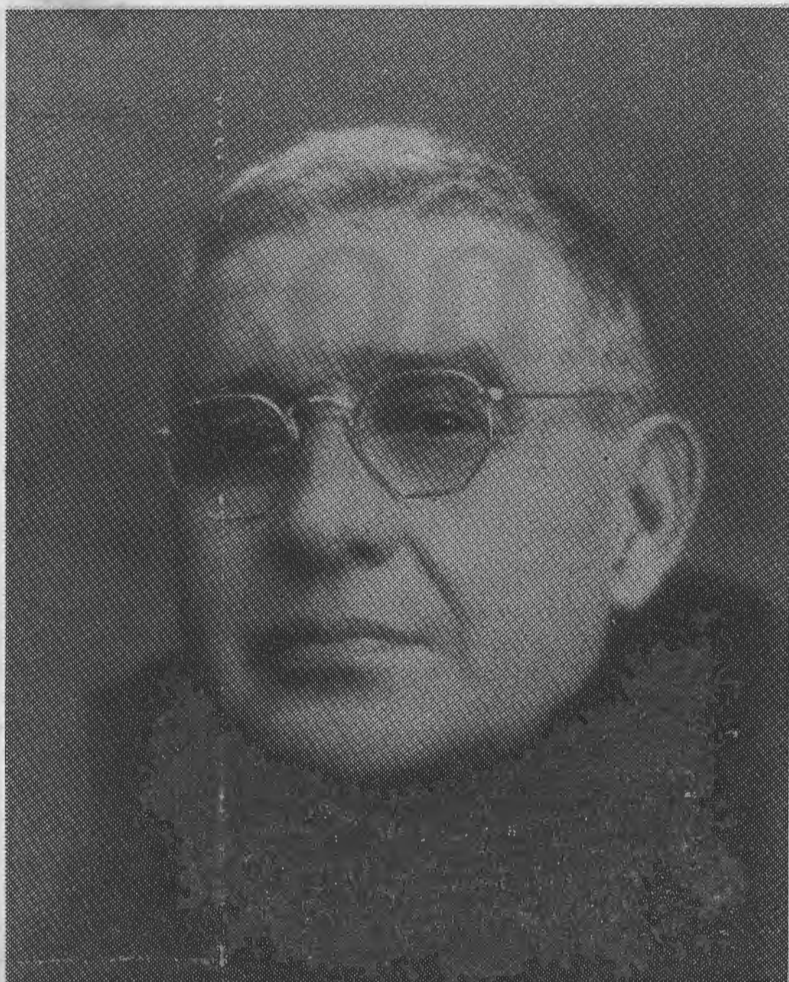
As nossas obras reflectem a infinita Bondade de Deus e glorificam-no, enquanto dilatam e aprofundam a Justiça entre os homens por Ele amados.

Estamos no mundo, mas não somos do mundo. Cada

momento da nossa trajectória é definido por um ponto entre a Terra e o Céu. Nem répteis, nem anjos. A nossa vida, neste trânsito temporal, tem sempre uma componente horizontal e outra vertical, às quais igualmente nos compete ser fiéis, para que coincida com o plano de Deus a coordenada de cada instante.

O louvor perfeito a Deus, consistirá, neste mundo, na máxima congruência com que os homens O devem chamar: — Pai nosso. E esta congruência consiste no esforço das condições em que a fraternidade entre todos os homens seja um facto. Da fraternidade depende, efectivamente, que cada homem possa dizer com inteira verdade: Pai Nosso.

É deste plano, onde se desen-



volve a componente horizontal, que o homem sobe, pela Força que Deus lhe dá, às alturas aonde Ele o chama. Sempre a subida será íngreme e sofrerá retrocessos. Terá o homem que caminhar longamente na projecção horizontal para que a ascensão progrida um pouco, como nas estradas, cheias de voltas, que levam ao cimo das montanhas.

O GAIATO irradiante da luz-viva com que o revestem quantos invocam e quantos respondem neste diálogo de Irmãos, tem sido e é, pela graça de Deus, um itinerário da

SEGUE NA QUARTA PÁGINA

Visado pela
Comissão de Censura

FESTAS

O estado-maior das festas reuniu e resolveu que sim. Há festas no Centro. Contamos fazer a romaria do costume. O nosso público não nos dispensa e nós também o não podemos dispensar.

Já há meses fez-se um esboço do programa que foi apresentado como ensaio geral na festa de Natal. Foi surpresa. Surpresa que muito agradou.

Nos últimos tempos as festas têm sido o tema dominante: uns perguntam se vão cantar; outros se vão fazer algum papel; o Joãozinho não se cala de manhã à noite com suas cantigas dos anos anteriores; Carlitos fez uma rapsódia com tudo o que sabe; Vitor vem do quartel passar o fim de semana e enche toda a Casa com sua voz; Fernandito, em vésperas de se apresentar ao serviço militar, ensaia novos números de castanholas; João procura novos jeitos na sua flauta de boca; Fernando arrastou-me a comprar um gira-discos; Carlos Manuel aproveita os momentos livres para fazer andar o gravador; Chico Zé e Manuel, do Lar, andam a organizar não sei o quê. Todo o ambiente é já de festa.

Ainda não estabelecemos

Continua na QUARTA página

DOCTRINA

Não tenhamos dúvidas, nem procuremos interpretações artificiais: A «hipérbole» do Senhor «é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no Reino do Céu», significa exactamente que é impossível a um rico entrar Lá. Pois não o corrobora a 1.ª Bem-aventurança: «Felizes os Pobres em espírito, porque deles é o Reino»? E não repete o Evangelho afirmações semelhantes para que o homem se não despiste da única meta que vale a pena prosseguir?: «Se vos não tornardes como estas criancinhas, não entrareis no Reino!» Sim, que «a porta é estreita!»

É pois condição sine qua non de salvação ser pobre em espírito, isto é, ter espírito de Pobreza, amar sinceramente sermos pequeninos — nossa autêntica dimensão — para não confundirmos valores nem hesitarmos, quando surgir a hora, em trocar todas as pérolas adquiridas pela Pérola preciosa que vale as outras todas e as transcende.

Portanto o que não fôr Pobre, por decisão luminosa do seu espírito, não entrará no Reino. É cláusula absoluta e irrevogável.

Continua na QUARTA página

Aqui, Lisboa!

Por
Padre Luiz

SUBIAMOS o Chiado nas nossas múltiplas andanças por Lisboa. Conosco um dos nossos Rapazes. Em dado momento cruzámo-nos com uma senhora ainda nova, alta e elegante, com um mini-cão ao colo, com manta e tudo aquilo com que as mães costumam dar conforto às criancinhas de peito. Arregalámos os olhos para ver melhor e já ao lado um Homem desconhecido, buscando o nosso olhar, ao mesmo tempo que pronunciava algumas palavras desconexas que não ouvimos mas quase adivinhámos, se sorria para nós. Sorrimos também e continuámos o nosso caminho, meditando sobre a situação de tantas crianças abandonadas pelos progenitores ou de outros para quem a vida é madrastra, enquanto, paradoxalmente, há animais que têm tratos e mimos de gente.

Passados dias, de novo na capital e com um dos nossos Rapazes, almoçávamos num restaurante, quando ao nosso lado se veio sentar uma senhora de meia idade, bem nutrida, com muitos berliques e berloques e farta maquilhagem. Eis senão quando, agarra numa parte do frango que lhe haviam servido e, embrulhando-a num papel, coloca-a na mala, ao mesmo tempo que, sorrindo, acrescentava: «é para o meu cãozinho».

Cobardemente também sorrimos, embora com um sorriso amarelo. Salvou-nos o olhar que trocámos com o nosso Companheiro e o silêncio sepulcral que desde aí se estabeleceu. Pela mente passaram-nos todos aqueles a quem não temos podido valer e os que, sendo nós, ainda sofrem e sofrerão em muitos casos as consequências de muitas carências alimentares sofridas até à vinda para as nossas Casas. Aferindo também da nossa afeição pelos animais, vimo-nos aí de consciência tranquila:

SEGUE NA QUARTA PÁGINA

CONSTANTE de muitos anos, ela aí vai, a colaboração dos leitores, como cerne deste número de aniversário.

Variada na forma e na substância; na origem e no estilo dos que a subscrevem; de ao pé da porta ou dos confins do mundo — toda ela nos diz da preocupação dos outros, da ânsia de um mundo mais justo e mais humano, capaz da divinização que sagrará a fraternidade de todos os homens entre si.

De toda esta inquietação salutar o pequenino Gaiato é fermento que, em 27 anos feitos, não perdeu o poder de levedar, com Pai Américo e sem ele, que o Espírito é só um e sopra, onde, quando e em quem quer! Louvado seja Deus!

O «Famoso»

«O vosso jornal destina-se, não só a educar rapazes, mas a converter pecadores, e esse papel de O GAIATO, que raramente se vê referido, é importantíssimo, sagrado — é a vossa acção de Padres.

E, sendo o vosso número de leitores grande, e composto unicamente de voluntários que vêm à procura de alimento espiritual, era bom, para os pecadores, que em cada número se encontrassem bem em confronto vivido, com a pobreza, a miséria, os fracassos e os sucessos e possíveis alegrias que esta vastíssima família pode proporcionar, da qual nós, os «que mandamos fundos, pouco ou muito», somos os cooperadores e devemos ser os participantes, através do que há de melhor em nós que é, não o dinheiro, mas esta parcela, esta centelha de vida espiritual, que a vossa acção deve ajudar a desenvolver.»

«Que o Natal de 1970 lhes tenha trazido muitas bênçãos do Céu. Que o ano de 1971 lhes proporcione as maiores venturas e alegrias. Os pecadores, como eu, não merecem a indulgência do Senhor. Por muito que desse e fizesse não poderia recuperar o tempo perdido. O que deverei eu fazer para redimir o passado? O «Famoso» é uma bíblia aberta a todos os corações. Bem hajam!»

«Minha péssima vista obriga-me a evitar o mais possível qualquer leitura, mas o encanto da leitura do «Famoso» é tal que não resisto, e leio sempre.

Deus os abençoe a todos.»

«Aí envio a verba necessária ao pagamento do jornal que, número a número, devoro linha a linha. Ele é, de facto, um despertar.

Que a vossa acção não tenha desfalecimentos. Muitos ateus, indiferentes, vos admiram. Tenho um colega de trabalho que assim faz e é vosso assinante.

As minhas calorosas saudações. Que Deus vos (nos) ajude em todas as obras que sejam dEle.»

Somos uma grande Família...

«As minhas saudades por mais um ano que desejo pleno de



realização para a vossa Obra, daquelas realizações do dia-a-dia, casas e oficinas concluídas, exames bem sucedidos, pequenas e grandes dificuldades vencidas, que tudo isto faz a felicidade de uma família unida entre si e ao seu Criador e Senhor.»

«Vai atrasado, mas vale mais tarde do que nunca...»

O vale de correio destina-se ao pagamento não só da minha assinatura como de pessoas amigas e de família, que desejam continuar a pertencer à «Família dos Gaiatos.»

...a vincular laços de Família...

«O assinante 30.400, mandalhe por meu intermédio (sua filha) mais uma migalha para ajuda da remessa do glorioso O GAIATO que nos traz nas suas folhas as saudades sem fim de 40 anos de ausência da Pátria querida.»

...na transmissão do «fogo sagrado» de Pais a Filhos...

«Recebi em nome do meu «Batatinha» mais pequeno — os livros da vossa edição e, sinceramente, não encontro palavras que traduzam a emo-

ção que me causaram. Assim como o meu orçamento apresentou um saldo positivo, envio mais 50\$00 para essa maravilhosa Obra, e sempre que tal

aconteça, mandarei em vale de correio a minha «décima», para depositar no Banco da Providência, único, parece-me, que paga de facto, juros palpáveis e rendosos.»

De Pais a Filhos

«A assinatura está em nome de meu filho, ausente no estrangeiro. Só por minha morte eu deixarei este querido Amigo

Deus ajude todos os que trabalham nessa abençoada Obra. que se chama O GAIATO. Se eu fosse livre e mais nova, seria mais uma obreira, pois sei da necessidade que tendes nas vossas Casas, de mulheres que gostem de limpar, arrumar,

tratar doenças, cuidar de flores, galinhas, animais...

Um abraço para todos da vossa amiga de sempre. Uma Mãe Amiga da Obra da Rua.»

«Junto 50\$ em carta registrada. Transmissão de pensamentos; já fazia esta ideia, pois o meu filho ainda está na tropa e é de pequenino que a mãe lhe assina O GAIATO e deixo-lho de herança.»

...desde a juventude à maturidade

«Um pouco tarde já, venho satisfazer a minha assinatura de O GAIATO, de que sou assinante desde os 1.05 anos que frequentei a Universidade, pois

foi nessa altura que em casa dos meus padrinhos, também assinantes, o «Famoso» chamou a minha atenção e o desejo de o ler. Agora, já forma-

da há 2 anos, continuo a lê-lo com o mesmo interesse, aliás como todos os que conhecem essa Obra admirável, que o Padre Américo nos legou.»

Humildade

«Quisera ter muito dinheiro e menos egoísmo e as ajudas seriam maiores e mais frequentes. Mas eu sou feita de um barro tão grosseiro... Que Deus me perdoe e me ilumine que bem preciso.

Quando leio o vosso jornal, a que chamo o meu catecismo, sinto-me outra, mas há tantos que não leio... falta de tempo: umas vezes, falta de lembrança outras, incúria outras...

Para toda a Comunidade, mesmo para os que andam dispersos pelo estrangeiro e Ultramar, eu desejo um santo e Feliz Natal, e as maiores prosperidades para 1971.»

«...E o restante como cumprimento de uma promessa feita à Divina Família, que me serviu e contemplou muito mais além do que Lhe rogara.

Deus escreve direito por linhas tortas!...

O desleixo é o meu maior pecado. Falto aos deveres da caridade que tantas vezes ponho na mente sem efeito. Deus, agora, pelo sofrimento que ameaçava perdurar, chamou-me à Realidade — o que se chama escrever direito por linhas tortas... — De facto, vida sem Cruz não passa de existência sem significado, e amor sem martírio não resgata pecados.

Em suma: fico a dar mais graças a Deus.»

«Bons irmãos em Cristo:

Humildemente venho pedir perdão do meu desleixo. O ano passado não cumpri... com a agravante de ter em meu poder o dinheiro da assinatura duma cunhada... Desleixo apenas, pois o amor pela v/ Obra não tem limites. A mi-

nha gratidão pelos ensinamentos que a leitura do v/ jornal me dá, o bem que tem feito à minha alma por vezes tão amargurada e farta do egoísmo humano não se descreve.»

Justo clamor

«Envio junto 100\$00 para a assinatura de O GAIATO. Quanto mais desejava mandar para ajudar a Obra tão santa, mas a vida do proprietário pequeno é hoje muito difícil.»

Ó amizade!
Ó delicadeza!

«Junto remeto um cheque para pagamento das assinaturas do nosso companheiro Gaiato...»

«Há dois anos doente não posso continuar com a assinatura de O GAIATO; venho pois pedir que não mo enviem mais. É grande demais para ficar a servir de embrulho.»

«Venho juntar ao presente um pequeno donativo para suavizar a conta respeitante ao assinante 29542.»

Confiança no futuro

«Não posso deixar de lhes dizer que, neste tempo que considero construtivo mas muito difícil de viver porque todas as nossas «certezas», mesmo de baixo do ponto de vista religioso, são abaladas, a vossa Obra e o vosso jornal nos dão uma certeza — Cristo existe e está no meio de nós.

Mãe de universitários inquietos e activos contra a injustiça social, sofro com eles e por eles, pelos riscos que correm e pelos exageros próprios da idade.»

A viúva do Evangelho

«Sou viúva, as dificuldades são muitas, mas a urgência de liquidar a minha ficha há já muito tempo que me andava atravessada no coração e agora, embora com sacrifício, consegui.

Junto envio a quantia de 400\$ por vale do correio, que eu sei que é pequena, mas dada com muito amor e sacrifício.»

Colados!

«Eros, Srs. que trabalham nesa Obra da Rua Deus, ajude para continuarem esa obra tão Benemerita eu sou uma empregada duméstica mas estou sempre ansiosa que chegue o famoso para o ler e Bem digo a Deus por tanta caridade.»

E outra...

«Embora bastante distante da nossa Patria querida, eu continuo pensando em vos, não sempre confesso, porque neste curto espaço de tempo tenho dado tanta volta e comecado tanta coisa nova, que por vezes me deixo absorver por elas, e esquecendo a minha vida anterior sempre dia-a-dia tão igual sem nada de novo, mas espere voltar muito breve a normalizar a moral, pois agora durante seis meses nada haverá de novo se Deus quiser.

Sou da Figueira da Foz. Era lá criada de servir, e continuo a servir os mesmos Senhores, mas saíram da Figueira e estão seis meses aqui na Flândria. Eu tinha tudo organizado para mudar de casa mas os Senhores gostavam que eu viesse com eles estes meses, e perguntaram-me se eu gostava de vir e eu quase sem pensar disse que sim, e depois de alguns dias que estivemos em Lisboa a tratar das passagens para cá, partir com eles; já fomos à Itália e estivemos lá quase 15 dias que gostei imenso e, agora cá estamos depois de duas longas viagens de avião, espero parar agora algum tempo para coordenar as ideias, desculpem maçar-vos com todas estas confidências, mas como somos irmãos, creio que irão gostar um pouco de saber o que tem feito esta irmã, como eu gosto de saber de vos pela jornal que é a vossa correspondência. Como disse no principio, embora estando bastante distante continuo pensando em vos e desejando ver e ler o jornal para isso, peço a favor de o enviarem para esta direcção, pois eu será o meu companheiro bem Português numa terra onde eu não conheço nada nem compreendo ninguém, e aonde quase não falo, a não ser em casa com os Senhores e meninos.»

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

«Tenho recebido sempre o vosso jornal para os meus soldados.»

Estou agora mobilizado para Moçambique.

Eis o meu endereço...

«Ainda recorde com saudade os momentos que passei com os pequenos. Sinto-me realmente grato pela oportunidade que nos deu e pelas suas lembranças. Recibi O GAIATO de 8 de Agosto e li-o de uma ponta a outra. É que agora tem outro gosto e outro sentido lê-lo, uma vez que conheci parte da Obra de onde ele vem. A Obra da Rua é a Obra da Igreja e não só uma Obra da Igreja, porque se dedica a evangelizar os mais Pobres como fez o Senhor. Eu diria mesmo que é o cerne da Igreja. Foi isso o que senti depois de observar a

Aldeia e a orientação dos rapazes para a vida. O Cristianismo é humanismo.»

«Duas palavras — que mais não são necessárias — para vos agradecer, por teu intermédio, tudo aquilo que uma leitura acidental de O GAIATO me veio recordar...
Lemos demais, discutimos e contestamos em excesso, viramos e reviramos os Evangelhos, mas... são as linhas mais simples que vocês arrancam à vida, que acabam por vir dar o pontapé salutar para uma conversão que desce da cabeça ao coração.

Um forte abraço e um muito obrigado deste colega que vos agradece a «lição viva», que a mediocridade do dia a dia e uma certa intelectualidade fazem esquecer tantas vezes!»

«Estou a terminar o curso que tenho estado a frequentar há cerca de um ano. Devo regressar a Portugal em 28 do próximo mês e saio daqui para outros lugares dos Estados Unidos no dia 6, p. f., de Junho.

Por isso peço o favor de mudar a direcção para a habitual residência em Portugal. Lá os receberei, aqueles que forem sendo publicados desde esta data até ao meu regresso.

É quase desnecessário dizer (são tantos os testemunhos que tenho lido) do valor em ter recebido O GAIATO aqui. Era um pouco de Portugal que entrava na minha casa, com algumas das suas misérias, mas também com muito da sua Caridade,

Humildade, Confiança e valor. Era um pouco daquilo que poderá sobevidar para construir um mundo melhor amanhã.

Por isso, muito obrigado vos estamos por este vosso cuidado em manterdes o envio de O GAIATO para aqui.»

Votos de Paz e Amor

«Os meus votos de santo, feliz e pacífico Natal — com a paz e o amor no coração de todos. Que as vossas Casas cresçam, e que vejam os Gaiatos fazerem-se homens de bem; os incuráveis morrerem em paz, e que venham mais ceifeiros para a ceifa.

Eu estou sempre espiritualmente e moralmente ao vosso lado — procurando cumprir, lá onde o Senhor me pôs, o

melhor que posso. E para tal me tem ajudado, sem dúvida nenhuma, o vosso exemplo, a vossa conversa pelo jornal, os livros do Padre Américo. Eu sou devedora consciente de o ser.

Bem hajam pelo bem que fazem aos garotos e aos leitores.»

Amizade

«Desculpem a minha carta mal escrita, mas vejo pouco. Nosso Senhor quis dar-me esta provação. Remir os meus pecados?»

Envio 200\$00. Pedirei ao Menino Jesus Natal Feliz para todos e Novo Ano de 71, com o melhor dos bens, surpresas abençoadas por Deus Misericórdioso.

Não posso ler mas tenho a consolação de receber o jornal.»

OBRA DA RUA

ZÉLO

«Consegui mais um novo assinante cuja morada e nome vai na lista em separado e de igual modo eu me encarrego de fazer a cobrança.

Eu sei e compreendo como o tempo vai passando. Extingue-se o prazo, um ano e outro e nunca mais as pessoas se dispõem a pagar. Eis a razão porque eu tomei esta deliberação embora até por vezes com falta de tempo e de saúde.

É que é necessário haver qualquer coisa mais, dentro de nós, que nos leva a amar a Obra de todo o coração!

É por meio do Jornal que nos colocamos em contacto com os problemas da Obra. O Jornal é o elo de ligação entre os dedicados amigos da Obra do Pai Américo.

Sempre esperado com vivo interesse como quando esperamos as notícias dos nossos entes queridos.

A sua leitura interessa, distrai, comove-nos por vezes até às lágrimas! Por vezes é um estímulo à nossa fraqueza e egoísmo. A generosidade de tantos que ajudam e acorrem com os seus auxílios por vezes tão valiosos e se escondem no anonimato, são uma lição de humildade para a nossa vaidade e presunção.»

Compreensão de Família

«Neste dia da Mãe fica certamente bem escrever-lhe umas palavrinhas, a si, que reune toda a devoção que o Pai e a Mãe da família dedicam a seus filhos. Devoção e Amor, é claro. A si, e afinal a toda essa extraordinária Obra do Padre Américo, a todas as Casas e Lares do Gaiato!

É na realidade um pouco por acaso que lhe escrevo neste dia, mas não é por acaso que lhe escrevo. Há muito que um seu cartão, velho de mais de um ano, anda junto dos meus papéis, a dizer-me que tenho que lhe escrever. Desta vez a razão número um é oferecer-lhe um exemplar do conjunto de cartas, poesias e outros documentos deixados por minha filha.

Aproveito para lhe dizer que estive aqui em Luanda, anteriormente com o sr. Padre Telmo, de Malanje. É uma amizade segura que aqui fiz em Luanda por intermédio de um Amigo

comum, embora, como é evidente, só nos encontremos lá de muito em muito longe.»

«Terrivelmente envergonhado com o meu descuido em acompanhar... aqui estou finalmente...

Não lhes trago as mãos tão cheias como desejaria, mas trago-lhes um coração pleno de simpatia e votos a Deus para que a Obra se fortaleça e ecoe em todos os corações.»

Sempre crente

«Cada vez mais triste e incrédulo com a Igreja de hoje e seus ministros... mas sempre crente, cegamente, em Deus.

Como sempre O GAIATO e quase sempre as lágrimas me vêm aos olhos.

Envio 100\$00, uma pequena lembrança, pelo nascimento de uma filha, cujo estado é ótimo, apesar do nosso receio... Mas Deus, existe!»

Longe da Pátria

«Com o pedido de mil desculpas, pela grande dívida, não tanto em dinheiro, mas em gratidão, pelo grande bem que nos faz na alma, cada número do «Famoso».

Esta é a primeira vez que lhes escrevo (o que lamento) para manifestar minha admiração sem limite, por essa grandiosa e extraordinária Obra que foi, é, e continuará sendo para o bem de tantos, como uma graça Divina. Vivo a dar como magnífico exemplo para todos e principalmente àqueles que fazem ou pretendam fazer trabalho semelhante.

Outra coisa que acho extraordinária, é como os Padres da Rua estão realmente identificados com o ideal e realização de Pai Américo. Ao lermos as crónicas de hoje parece-nos estar lendo as do grande e saudoso fundador.

Guardo religiosamente todos os números que chegaram às minhas mãos, presenteados por meu irmão que é assinante desde a ocasião que Pai Américo esteve aqui no Brasil. Com que alegria leio as verdadeiras lições que nos vêm desses grandes homens de hoje, frutos da dedicação, amor e sacrifício dos senhores Padres da Rua.

Verdadeira, salvadora recuperação humana. Eu sei que o «Famoso» não tem preço; mas enquanto não conseguir saldar minha dívida, que não paga nem os selos do correio, peço que suspendam a remessa, pois sinto-me profundamente envergonhada com isto.»

Oração
leitores



Aqui, Lisboa!

Cont. da PRIMEIRA página

o «Farrusco» e os demais bichos são tratados como tal.

Duas histórias verdadeiras. Dois temas para meditar. Não julgamos ninguém. Por psicopatias, frustrações, egoísmos, outras razões, o Homem está longe de se encontrar dentro de si mesmo e aos outros. No palco da vida, em que é preciso cada um ocupar o seu lugar, em verdade, em justiça e em amor, sente-se vazio da falta de ideal e a permanência de máscaras ou de carapaças que nos inibem de levar a vida a sério e nos fazem vegetar em permanente e autêntico carnaval. Se ao menos as máscaras caíssem!...

Cont. da PRIMEIRA página

Ora se no meio da diversidade do mundo é tão difícil desprendermos o nosso coração das coisas passageiras (todos o sabemos por experiência!) — quanto difícil não há-de ser tal libertação, para os que, de facto, detêm como seus tantos desses bens sedutores!

Por isso sempre o rico terá extraordinária dificuldade em realizar a Pobreza, pois não existem receitas para a concretizar senão somente a fidelidade absoluta aos apelos de Deus. Aquilo que olhos superficiais e levianos, de quem está imbuído do espírito do mundo, julgam felicidade, chama-se, em linguagem de Eternidade, **risco, perigo de morte eterna**. Por alto preço pagam os ricos o que possa ser a

sua felicidade temporal!

Não está escrito que «não saiba a mão esquerda do bem que faz a direita»? E também: que «quem obteve na praça pública a sua recompensa, Deus o considera já recompensado»? Mas que vale infinitamente mais a recompensa que Deus reserva aos a quem vê no íntimo do coração, quando os outros ignoram ou não retribuem?! É por isto que um cristão consciente e lógico, que quer de verdade o que Deus quer — a salvação de todos os homens

Doutrina

— não pode deixar de inquietar-se com a sorte dos irmãos-ricos. E tudo quanto esteja na sua mão para os ajudar a defender do seu risco, deve fazê-lo, quererá fazê-lo.

Como, então; porquê tanto incenso para alguns pobres de Deus tão ricos de si-mesmos, constantemente festejados com comendas e homenagens por suas benemerências — actos materiais que poderiam decerto contribuir para os colocar na linha da Pobreza Evangélica, se lhes não fôsse roubada a alma em nome da gratidão, virtude tão respeitável quanto carecida de inteligente respeito?!

Como vamos pois, em nome de uma virtude cristã, mal-entendida, intrometer-nos entre Deus e aquele irmão-rico, sobrecarregando-lhe as já imensas dificuldades de vir a possuir o Reino?!

Que pena nos faz tão frequentemente a notícia de «significativa homenagem ao benemérito», com a clássica mesa presidida pelos grandes da terra, os discursos da praxe, e até, às vezes, com Missa de acção de graças e tudo!



Os filhos do Joaquim Sampaio, ex-«Trofa», que foi de Paço de Sousa. Em dia de aniversário, a presença sorridente dos Netos projecta-se no Futuro.

FESTAS

Cont. da PRIMEIRA página

itinerário, mas contamos começar no Teatro Avenida de Coimbra na noite de 19 de Abril e seguirmos para Leiria, Pombal, Figueira da Foz, Cantanhede, Anadia, Chão de Couce e Avelar, Tomar, Lousã, Seia, Guarda, Covilhã, Fundão e Castelo Branco.

Como Aveiro fica perto, e já nos conhecemos de há muito, não queríamos que os aveirenses ficassem sem o manjar que tanto têm saboreado.

Gostaríamos de ir também a Arganil, Marinha Grande e outras terras que chamem por nós.

Aí fica a notícia para alegria de quantos se têm encontrado connosco no calor do carinho que tem dominado o ambiente cheio das salas.

E vamos à festa.

Padre Horácio



MALANJE

Era Domingo. Hora do almoço. Chega um carro avermelhado e abeira-se da sala de jantar. Fui ver quem era. Dois rapazes com um ar feliz acompanhados pelo Sr. P.e Valentim, da Gabela. Não sabia porque vinham. Há apresentações. Sr. P.e pergunta com energia:

— Está o Sr. P.e Telmo?

— Não, não está. Foi a Luanda tratar da vida da Casa.

Novamente ele:

— Entrego-vos estes dois rapazes para ficarem. O Sr. P.e Telmo já sabe do que se trata, falei-lhe quando foi à Gabela levar o filme.

Chamo a Sr.ª D. Maria José. Novas apresentações. Repetem-se as mesmas palavras. Após estas, uma visita aos presentes. Com respeito todos se levantaram e murmuraram uns para os outros: «Mais dois Gaiatos».

Antes de partir, o Sr. P.e Valentim conversa com um rapaz que também viera da Gabela. No fim despede-se.

Os dois rapazes que há dias entraram, sentem-se felizes pelo aconchego e carinho dos irmãos mais velhos. Hoje já não são os «Vieiras», mas sim, «Churrasco» e «Chico Dungo».

«Bolotas», «Chouriço», «Primo Velho», «Pirata», João Fausto e mais, estão a engordar.

A Senhora não se cansa de repe-

tir: — Olha este, olha aquele, estão a engordar!

Não há dúvida, estão mesmo a engordar.

Na equipa dos enfezados, estão os Mários, Artur, «Estringuelinhas», o «Pernas de Cow Boy» e Sarapouso. Estão já submetidos a tratamentos, para passarem à categoria dos gorduchos.

Há dias, por ter perdido a chave da Sapataria, «Tonito Manco» resolve subir o muro para abrir a porta. Não era a primeira vez que o fazia mas, desta vez, houve azar. Caíu e... só visto! Eram os lábios rebentados, dentes partidos e os pulsos abertos. Foi tratado no Hospital de Malanje e radiografado, mas nada de grave. Não volte a acontecer, «Tonito Manco», não vá na próxima ser pior!...

Pessoas que passam e gostam de ajudar a resolver as dificuldades da nossa Casa. Desta vez coube ao Sr. Doutor Amílcar e à Sr.ª D. Teresa, que no passado ano vieram até junto de nós para melhor se aperceberem das mesmas. Deram por falta de um órgão na Capela e sem mais perguntas prometeram mandar. Agora eis-nos com o órgão.

Bem hajam estas pessoas que comungam das dificuldades destas Casas e por si próprios ajudam a resolvê-las.

Amigos, as nossas dificuldades continuam, porque vai aumentando a família. O Sr. P.e Telmo não pode entregar-se a estas pequenas coisas. Agora é a viola eléctrica, a bateria e um órgão que sirva para formar um conjunto.

Temos confiança em todos vós que um dia virão esses... Não deixes adormecer estes pedidos porque os rapazes não nos largam!

Júlio da Silva

Dia de anos

Cont. da PRIMEIRA página

Vida. Livre, descomprometido dos só-horizontais e dos só-verticais, aponta os caminhos possíveis, inclinados e incertos, (os únicos reais), para que se não esqueça o homem de que «sem Cristo nada é possível e com Cristo nada é impossível»

A vida da Obra que revela e explica é um desenvolvimento deste binómio: impossibilidade que se torna possibilidade.

A luz com que acrescentam a sua luz «própria» (que é sempre luz da LUZ!) é a demonstração re-inventada por muitos, desta transmutação, bem mais transcendente — e afinal tão simples! — que o «problema da pedra filosofal.»

De parabéns, pois, todos os da Família de O GAIATO, sejam de fora ou de dentro, compartilhemos da responsabilidade que nos sugere a alegria do aniversário: A construção de um Mundo melhor.

Setuibal

A casa já destelhada,
onde se vê o vulto
negro da Jesuína!



TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE